

DO ENSINO ESPORTIVO À TEMATIZAÇÃO: CONSTATAÇÕES DA PRÁTICA¹

Marcos Garcia Neira²

A década de 80 do século passado foi bastante promissora na disseminação de críticas ao ensino esportivo que vigorava nas aulas de Educação Física. Se as análises, quase sempre pautadas na teorização marxista eram ricas, o mesmo não pode ser dito das recomendações para o trabalho pedagógico com o esporte. A obra de Kunz (1994) é a exceção que foge à regra, ao apresentar sugestões exequíveis para todos aqueles que conscientemente buscavam alternativas às propostas voltadas para a fixação dos gestos de uma determinada modalidade.

É verdade que nestes 20 anos que nos separam da primeira edição do livro, a produção da área segue buscando alternativas, pois parecem bastante claras aos profissionais as diferenças entre a função social da escola e as demais instituições em que, por ventura, o esporte tenha lugar. Ou seja, há certo consenso que os

¹ Este texto é uma versão ampliada e autorizada do artigo "Análise de relatos que abordaram o esporte nas aulas de educação física: indícios de uma mudança paradigmática", publicado inicialmente na Revista Educação Online.

² É licenciado em Educação Física e Pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação, pós-doutorado em Currículo e Educação Física e Livre-Docência em Metodologia do Ensino de Educação Física. É professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, atua nos cursos de graduação e pós-graduação, orienta pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado, e supervisiona pesquisas de pós-doutorado. Investiga a prática pedagógica da Educação Física com apoio da Fapesp e do CNPq, é coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (www.gpef.fe.usp.br).

métodos utilizados por clubes e escolinhas não são adequados ao contexto em que ocorrem as aulas de Educação Física. Aliás, é o que tem sido ensinado nos cursos de formação inicial e contínua de professores. O problema é que muita energia continua sendo gasta para repelir as antigas propostas, em vez de serem criadas e investigadas outras maneiras de abordar o esporte no currículo escolar.

É o que fez surgir o interesse de investigarmos como os professores têm enfrentado essa questão, como eles abordam as práticas esportivas em suas aulas, quais seus objetivos e as atividades que utilizam. A intenção foi verificarmos como os docentes significam as ações didáticas envolvendo o esporte, a fim de identificar se na prática cotidiana têm sido encontradas alternativas ao mero ensino esportivo.

Para discutirmos os significados atribuídos ao trabalho pedagógico com o esporte nas aulas de Educação Física, analisamos as experiências relatadas nas quatro edições do Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Semef). O referido seminário foi realizado no mês de julho dos anos de 2006, 2008, 2010 e 2012 e organizado pelo Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). O evento promove um espaço efetivo para debater o ensino do componente na contemporaneidade por meio da socialização e discussão de experiências pedagógicas, bem como do tratamento de questões teóricas que fundamentam as ações educativas. Tem como intenção maior analisar e divulgar diferentes propostas em desenvolvimento nas escolas de Educação Básica e suas repercussões na sociedade.

O "Semef", como é chamado, destina-se exclusivamente a professores em atuação. Durante dois dias, são apresentados e debatidos relatos de práticas pedagógicas, os quais são previamente disponibilizados no portal eletrônico do seminário.

Todos os trabalhos inscritos são avaliados por uma comissão e distribuídos conforme o tema de ensino. O professor responsável dispõe de 30 minutos para exposição, após a qual responderá aos questionamentos dos colegas presentes.

A singularidade da iniciativa é explicitada logo no momento da inscrição. O texto requerido, um relato de prática, por si só traduz o espírito do evento. O relato de prática é o registro das atividades de ensino realizadas no decorrer de um determinado período letivo. O texto final deve externar as intenções educativas, os procedimentos adotados no desenvolvimento das atividades e as reflexões sobre os efeitos do processo nos alunos. Também são desejáveis menções ao que se julga ter alcançado, o formato das avaliações e o retorno a uma atividade ou outra, para retomar algum ponto importante que possa ter sido menos evidenciado, precisam ser explicitados. Isso é particularmente relevante, pois propiciará material para análise e descoberta de alternativas tanto para o autor, que avalia sua prática enquanto elabora o registro, quanto para um eventual leitor, que poderá tomar para si as reflexões elaboradas.

O relato de prática documenta uma determinada trajetória pedagógica. Na medida do possível, apresenta algumas informações, tais como a articulação com o projeto pedagógico da instituição, os sujeitos envolvidos, quais conhecimentos foram mobilizados, os procedimentos adotados e, principalmente, as modificações identificadas nas representações dos participantes. Ou seja, o registro da prática é uma forma eficaz para analisar o trabalho educacional e seus reflexos na constituição dos sujeitos da educação.

Trata-se de uma oportunidade preciosa para socializar reflexões e compartilhar pontos positivos e negativos, na visão do autor. Relatar uma experiência não é o mesmo que narrar ações bem-sucedidas. É bom ressaltarmos que se aprende muito com

aquelas atividades e procedimentos que não transcorreram conforme o esperado ou que não alcançaram os objetivos propostos. Dando visibilidade aos equívocos e deslizos, outros aprenderão e, quem sabe, precavidos, possam contornar os problemas antes mesmo do seu surgimento.

Por meio do relato é possível apresentar práticas, intercambiar pontos de vista, apresentar intenções e analisar incômodos do cotidiano pedagógico. O diálogo travado com quem vive problemas semelhantes consiste em apoio interessante no momento de planejar as ações didáticas. Decidir sobre as atividades, enfoques e estratégias futuras e, ao mesmo tempo, questionar o que se vem fazendo, poderá levar à aprendizagem com a própria experiência e, melhor que isso, desfrutar de uma maneira diferente de aprender e ensinar.

Analisar as ações educativas desenvolvidas não deixa de ser uma alternativa para a formação, além de semear mudanças no ambiente educacional. Afinal, os relatos das práticas das experiências poderão fomentar a revisão de conceitos e práticas fossilizadas, o que sem dúvida subsidiará a construção de novos conhecimentos pedagógicos.

O relato de prática difere radicalmente do “faça como eu faço” ou das “boas práticas”. Ele se fundamenta justamente na tentativa de compreender o que levou seu autor a tomar determinadas decisões e como elas refletiram nos alunos. Como ninguém aprende nada sozinho, compreender como o colega significou um dado percurso, atividade ou situação enfrentada pode ser mais apropriado do que uma ação pedagógica solitária e baseada na tentativa e erro.

Embora não exista um modelo a ser seguido, esperamos que o relato de prática descreva sucintamente a escola, a comunidade e a turma; o tempo de duração do trabalho; o que motivou a tematização de uma manifestação cultural corporal, e não outra; como

e em qual momento foram propostas as atividades de ensino; com quais objetivos; como foi conduzido o processo; como se deu a transição de uma atividade para outra; como foi feita a problematização, aprofundamento e ampliação dos conhecimentos; que elementos interferiram nas tomadas de decisão; quais parcerias foram estabelecidas; o que deu errado e o que deu certo; em que consistiu a avaliação; como o grupo documentou o processo; e quais foram os resultados do trabalho para o professor e para os alunos. Obviamente, é imprescindível que a narrativa seja entremeadada com reflexões a partir da teoria que lhe deu sustentação, evidenciando suas relações com a prática.

O interesse crescente da comunidade docente da área para compartilhar suas experiências ou para acompanhar as discussões revela-se nas mais de 800 participações e nos 287 relatos de prática apresentados. Frisamos que o evento é restrito aos professores em atuação e a exposição limita-se às experiências de ensino. Não se trata, portanto, de um evento aberto a pesquisadores e estudantes para apresentação de trabalhos acadêmicos.

1.1 O esporte nas aulas de Educação Física

A análise dos anais dos eventos disponíveis no portal eletrônico permite constatar 28 trabalhos pedagógicos que tematizaram alguma modalidade esportiva. Muito embora a pequena presença do esporte nas experiências relatadas e a visibilidade conferida às demais manifestações corporais mereçam uma reflexão, o fato não será discutido, pois, neste momento, o interesse é tão somente investigar o tratamento pedagógico do tema nas experiências relatadas.

Apesar de se tratar de trabalhos realizados no interior do componente curricular, em alguns casos, os trabalhos perse-

guiram exclusivamente a aprendizagem das técnicas esportivas. No relato de práticas apresentado, Matias e Galvão (2008) afirmam que o trabalho com o tênis possibilitou o conhecimento sobre o corpo, identificação e exploração das habilidades motoras, além do estímulo às capacidades físicas e segmentos corporais. Lopes (2010) descreve o método integrado para ensino esportivo realizado em uma escola municipal de Cubatão (SP). Trata-se de uma proposta de iniciação esportiva global, um método que pode ser desenvolvido com qualquer modalidade e para todas as crianças de quatro a 16 anos.

Outras experiências narradas ressaltam o alcance de objetivos pedagógicos por meio do ensino esportivo. Na visão de Bello (2006), o projeto que desenvolveu junto aos alunos do ensino fundamental da Praia Grande (SP), no litoral paulista, não deixou de lado o prazer do esporte e dos benefícios físicos ao socializar, por meio da vela, conceitos sociais, éticos e morais.

Por sua vez, Luz Júnior (2006) desenvolveu um trabalho pautado no ensino do futebol, em uma escola municipal de Santos (SP), com o objetivo de ensinar o respeito às regras, a sociabilidade e as diferenças entre vitória e derrota. Moura Júnior (2008), com base na experiência desenvolvida em uma escola privada situada no município de São Paulo, por meio do ensino do *tchoukball*, por ele denominado verdadeiro esporte educacional, chega a prometer a paz.

A análise desses relatos permite constatar a ingenuidade do entendimento linear entre o ensino de uma modalidade e a aprendizagem de comportamentos éticos, sociabilidade ou meio para alcance da paz social. Como contraexemplo, basta mencionarmos que nem sempre os atletas profissionais, exemplos de excelência em sua atividade, possuem qualidades demonstradas nas arenas esportivas diretamente transferíveis aos ambientes externos às pistas, piscinas, ringues, quadras ou

campos. Contrariando o senso comum, é possível afirmarmos que o sucesso no esporte, obrigatoriamente, impede que valores socialmente desejáveis como respeito mútuo, ética, não discriminação, companheirismo, comportamento democrático, altruísmo e humildade sejam semeados nos campos de treinamento e competição (FRANCO JÚNIOR, 2007). Quantas manifestações de aceitação e ajuda já foram presenciadas nas competições? Quando vimos, em algum programa de televisão esportivo, a exaltação ao esforço e dedicação de quem chegou em segundo lugar numa competição, de quem foi derrotado? Temos conhecimento da história de vida daqueles que não venceram ou preocupamo-nos simplesmente em conhecer e exaltar os campeões? Quantas vezes já presenciamos brigas, perdas de controle e até cenas de violência protagonizadas pelos participantes?

Lembramos também que uma grande parcela dos esportistas termina por abandonar a prática precocemente. Se isso ocorre, podemos pensar, é consequência da peculiaridade excludente dessa manifestação cultural que, paulatinamente, leva a maior parte dos seus praticantes a afastar-se. Se a natureza do esporte é excluir, será possível entendê-lo como fator educativo? O paradoxo nos obriga a refletirmos sobre a presença tão intensa no imaginário social dos vínculos entre esporte e educação.

Observemos mais cuidadosamente esse fenômeno com a ajuda de Norbert Elias (1990). É fácil percebermos que valores como perseverança, esforço individual, talento pessoal, competitividade, superação de limites e comportamento arrojado são requisitos necessários ao sucesso em quase todas as modalidades. Não seriam esses, justamente, os valores cultuados pela sociedade capitalista? No século XX, afirma Elias, assistimos a ascensão dessas duas forças. Por um lado, o capitalismo selvagem e, por outro, um dos seus poderosos braços ideológicos, o esporte. Simultaneamente ao processo de industrialização,

homens e mulheres foram transformados em máquinas a fim de produzirem cada vez mais e melhor. Não à toa, quebrar recordes e vencer competições eram atributos da indústria e do esporte. Mais recentemente, sob os auspícios do pós-modernismo, essa mesma performance, transfigurada em produto estético a ser veiculado pelos meios de comunicação, passou a promover o acúmulo de dividendos mercantis universalmente conhecidos. Os motivos desse fenômeno não estão no esporte em si, mas na característica neoliberal dos tempos em que vivemos, em que o consumo e o sucesso parametrizam todas as ações. Em outras palavras, coisificam-se os atletas. Vejamos, por exemplo, os valores de compra e venda ou a presença maciça dos atletas bem-sucedidos nas peças de publicidade.

Reconhecemos os valores éticos que objetivamente são transmitidos aos praticantes do esporte, contudo, é quase impossível dissociar a prática esportiva *stricto sensu*, de toda a subjetividade que circula nos espaços onde essa manifestação corporal deveria primar pelo componente lúdico, ou seja, pela celebração, transmissão e reconstrução da cultura.

No tocante à educação, os estudos na área alertam que as formas tradicionais de ensino do esporte têm inculcado nos educandos valores nocivos à sociedade, contribuindo para formar uma consciência ideologicamente falsa (BRACHT, 1986). Althusser (1983) já afirmava que o funcionamento da sociedade capitalista depende de uma série de instituições que atuam diretamente na disseminação da ideologia dominante, convencendo os sujeitos a obedecer as suas regras. Assim, os aspectos que devem ser criticamente questionados são aqueles que transformaram a prática esportiva em uma dessas agências: o rendimento a qualquer preço, a exclusão, o uso indiscriminado da imagem do esportista, a estrutura institucional e a mercadorização das relações. Isso posto, não podemos permanecer na postura ingênua que

concebe a prática esportiva como responsável por efeitos positivos na formação das crianças e jovens. Ousamos afirmar: muito pelo contrário!

Morin (2002) critica a ideia de controle da realidade por meio do pensamento simples ou simplificador. Infelizmente, padecemos do mesmo mal quando entendemos que as pessoas pertencentes às comunidades com menor poder econômico manifestam maior tendência ao ingresso no mundo do crime, das drogas e da violência. Sem atentar ao preconceito implícito nesse raciocínio, os defensores da educação pelo esporte dissimulam a alta complexidade que caracteriza a formação e o desenvolvimento das atitudes humanas e, pretensiosamente, julgam-se capazes de transformar a realidade mediante o oferecimento de intervenções esportivas bastante pontuais.

O sociólogo francês alerta para os riscos desse pensamento reducionista quando direcionado a fenômenos complexos (a educação, por exemplo): o desenvolvimento de comportamentos humanos deriva de uma quantidade extrema de interações e interferências entre um número muito grande de unidades que fogem em absoluto ao nosso controle. A maioria das pessoas conhece, por exemplo, casos em que dois irmãos, mesmo diante das mesmas condições de vida, de contatos sociais e de experiências educacionais, manifestam posturas radicalmente distintas, são pessoas diferentes.

Seguindo esse raciocínio, é impossível generalizar qualquer efeito pedagógico do esporte nas aulas de Educação Física. Cada professor possui uma trajetória formativa e determinadas concepções de mundo, ensino, aprendizagem e, provavelmente, prática esportiva. O educador traz sua própria bagagem cultural. Possui uma personalidade construída em meio ao tecido social, com seus sentimentos e desejos e domina, ao seu modo, uma ou mais modalidades. Sem prosseguir com mais variáveis, pois são

infinitas, na condição de profissional, o docente compartilha o espaço das aulas com grupos de crianças e jovens que, por sua vez, também têm sua forma de ver a vida e o esporte, e trazem para as aulas seus próprios patrimônios. Têm sentimentos e desejos específicos e dominam determinados gestos, atitudes e conhecimentos que não são necessariamente os mesmos do professor e dos colegas.

Pensemos em todas as relações que podem acontecer nesse espaço em um dia de aula, em uma semana, em um mês... e durante um semestre ou ano. Pensemos em todas as variações contextuais que podem intervir nessas relações, que estão à mercê dos estados de ânimo de um ou mais atores, do que viram, ouviram, fizeram ou disseram, de seus valores e, obviamente, das experiências externas ao programa que vão colecionando. Nessa situação, convenhamos, é bem difícil esperar que todos os estudantes adquiram exatamente as habilidades afetivas e sociais que seu professor pretende transmitir com a prática esportiva.

Kunz (1994) é contundente: se o intuito é formar cidadãos, temos por obrigação, no ambiente educativo, de transformar o fenômeno social do esporte numa atividade de interesse real a todos os participantes, devendo ser compreendido não somente na sua visão objetiva como também na subjetiva. Isso significa saber colocar-se na situação de outros participantes; ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo; saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e, por intermédio dessa visão crítica, modificar o seu fazer tradicional.

A cidadania eleva o educando à condição de sujeito no seu processo de ensino, formando-o para participar criticamente na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente desenvolver competências técnicas, mas também conhecer mais profundamente a modalidade e, mais que isso, os significados que lhe são

atribuídos pelos sujeitos. Isso ocorrerá caso a prática esportiva seja, como dizia Paulo Freire (1997), permeada pela problematização das situações vividas com um constante incitamento ao diálogo para o encontro de soluções verdadeiramente democráticas.

Como patrimônio cultural da humanidade, em oportunidade anterior, expressamos o entendimento que o esporte precisa estar na escola para que possa ser conhecido e reconhecido sob inúmeros aspectos. Para desfrutar do esporte e com/sobre ele aprender, não basta saber executar seus movimentos. É preciso compreendê-lo enquanto fenômeno atravessado por distintos marcadores sociais, permeado por relações de poder e espaço de encontro e diálogo de diferentes culturas. Assim, é importante retomar sua história, conhecer seu percurso e suas variadas transformações ao longo do tempo, o papel que lhe foi conferido por diversos grupos e em variadas épocas. É fundamental, também, interpretar a gestualidade que o caracteriza, o comportamento dos participantes, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos, homens ou mulheres de variadas etnias e níveis de habilidade e possibilidade de prática. É interessante ler sobre o esporte, assistir filmes, programas, documentários, discutir pontos de vista e conhecer posicionamentos diferentes. Finalmente, é imprescindível vivenciá-lo nas aulas, preferivelmente envolvido por uma atmosfera lúdica. Experimentar todas suas formas para que se possa refletir individual e coletivamente, atribuindo-lhe novos sentidos e significados (NEIRA, 2013).

A análise dos relatos de prática apresentados em todas as edições do Semef indica que uma boa parcela das ações didáticas abarcando o esporte alinha-se a essa visão de Educação Física, denominada "cultural" (NEIRA, 2011). Isso significa que, em parte, o grupo de professores que busca o evento já não atribui aspectos salvacionistas ao esporte, nem tampouco concebe as aulas de Educação Física como espaço para a simples aprendizagem da

modalidade. No sentido contrário, dignifica o tratamento pedagógico conferido à manifestação corporal no currículo, compreendendo-a como objeto de estudo relevante na formação dos sujeitos da educação. Vejamos os enfoques conferidos.

Junto aos alunos do ensino médio de uma escola estadual situada no município de Brotas (SP), Leite e Lemos (2006) problematizaram a relação entre os esportes de aventura e a preservação da natureza. Em uma escola privada paulistana, Nunes (2006) desenvolveu um estudo sobre a Copa do Mundo de Futebol com todo o ensino fundamental. Os alunos refletiram criticamente acerca desse fenômeno cultural por meio de um projeto que integrou diversas áreas do conhecimento e, entre outras questões, discutiram a hegemonia dos países ricos, a criação de ídolos para o consumo, as relações de poder presentes em diversos campos sociais e a influência da mídia e da indústria cultural no futebol.

Pina (2006) narrou uma experiência desenvolvida com os alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal em Juiz de Fora (MG). Partindo da problematização da inacessibilidade de algumas camadas sociais ao basquete, foram discutidas a origem e as transformações da modalidade, técnicas, táticas, regras e a apropriação dos bens culturais. Monteiro (2008) decidiu tematizar o tênis de mesa, após a prática surgir no mapeamento da cultura corporal realizado com as turmas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Paulo. O trabalho incluiu diversas atividades de apreciação, vivência, aprofundamento, ressignificação e ampliação, proporcionando aos estudantes uma maior compreensão da modalidade em suas múltiplas dimensões e sua relação com a cultura na qual está inserida.

Fazendo uso de vídeos, textos e do patrimônio dos alunos referente aos esportes com raquete, o projeto desenvolvido por Gramorelli (2008) junto às turmas do 6º ano do ensino funda-

mental de uma escola privada, situada na Zona Norte da cidade de São Paulo, contribuiu para o reconhecimento de outras culturas e a valorização das diferenças na sala de aula. Em um trabalho com os alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Caetano do Sul (SP), Lippi (2008) tematizou o voleibol, tendo por objetivos compreender a manifestação como construção social que se transforma ativamente pela ação de diversos grupos sociais, além de proporcionar a apropriação de signos e significados pertencentes à linguagem gestual/corporal do voleibol. Para tanto, ao longo de um semestre, organizou ações didáticas de análise, interpretação e reflexão sobre a modalidade esportiva.

Em uma escola pública federal sergipana, Souza (2010) tematizou a prática local do futebol e do voleibol junto aos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Objetivando compreendê-las enquanto manifestações culturais que ocorrem num determinado contexto sócio-histórico e assumem diferentes significados a partir das representações dos diferentes grupos culturais que delas se apropriam, buscou identificar e problematizar os significados presentes nos diferentes contextos de prática de Aracaju. Em sentido semelhante, Colombero (2010) problematizou a representação do futebol enquanto esporte masculino inicialmente identificado nas turmas de 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma escola municipal paulistana. Foram questionadas as relações de gênero, racismo e classe social que perpassam a modalidade, bem como aspectos envolvendo torcida organizada, valor dos ingressos, horário dos jogos, mercantilização da prática etc. Pautada no diálogo, a ação educativa permitiu que os alunos percebessem a construção e as transformações do futebol enquanto prática cultural.

Mazzoni (2010), atuando em uma escola privada da cidade de São Paulo, tematizou o futebol americano com as turmas

do 3º ano do ensino médio. Mediante a intenção de entender e analisar as relações raciais que perpassam a prática esportiva, Mazzoni (2010) discutiu os movimentos de resistências da população negra. Aproveitou para analisar as relações de poder e outros tipos de segregação presentes na sociedade e no mundo esportivo. Atuando também no ensino médio, mas em uma escola pública de Barueri (SP), Lozano (2010) aproveitou a realização a Copa do Mundo de Futebol da África do Sul para problematizar o que denominou de “paixão nacional”. Foram analisados aspectos como a presença das mulheres no esporte, a rivalidade entre as torcidas e vivenciadas diversas práticas da modalidade, desde as peladas aos jogos eletrônicos.

As relações vivenciadas na escola e no mundo do futebol foram a inspiração do trabalho de Andrade (2010) junto às turmas do 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo. O mapeamento realizado deu visibilidade as atitudes desrespeitosas entre os alunos relacionadas às questões de gênero. Foi o que levou a docente a transformar a questão da diferença no cerne da ação didática, mediante leituras, interpretações e ressignificações do futebol. No decorrer do projeto, constatou que as vozes antes silenciadas começaram a se manifestar, incomodadas com a discriminação que ocorria durante as aulas.

Gramorelli e Tapetti (2010) partiram do voleibol para tematizar o futvôlei, o vôlei adaptado, o vôlei paraolímpico, o biribol, o vôlei de praia e o punhobol em uma escola privada da capital paulista. Os alunos do 7º ano do ensino fundamental investigaram sua ocorrência, formato e significados atribuídos, vivenciando-as durante as aulas. As informações foram socializadas por meio de vídeos, como também as análises acerca da sua pouca presença na mídia.

Após realizar um mapeamento com os alunos, no intuito de descobrir quais práticas pertencentes à cultura corporal da comu-

nidade seriam tematizadas nas aulas de Educação Física, Barbosa (2012) selecionou o handebol. Os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo iniciaram as vivências no formato conhecido. Surgiram divergências com relação às regras, escolha dos times, organização do tempo e pontuação do jogo. O grupo discutiu a necessidade de mudanças pensando na realidade da escola, resultando no “handebol da turma”. Uma aluna levantou a questão da agressividade e os conflitos com as minorias existentes na sala. Surgiu daí o interesse de pesquisar esportes com bola que possuem pouco ou nenhum contato físico (handebol de areia, *tchoukball* e *rugby tag*). Foram estudadas as regras e materiais, além da realização de vivências de cada modalidade.

Motivada pelos comentários dos alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de São Paulo, Colombero (2012) intercalou o funk e futebol nas aulas, tendo por objetivos conhecer suas histórias e os contextos de origem e prática na comunidade; relacionar o modo pelos quais os alunos as conhecem ou praticam; analisar, interpretar e vivenciar as múltiplas linguagens do corpo e dos movimentos expressivos no futebol e no funk; atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários; identificar as práticas discursivas presentes no funk e no futebol que reforçam pejorativamente a identidade de raça, etnia, moradia, gênero etc. nas diversas vivências dentro e fora das aulas; e analisar criticamente a participação da mídia e suas influências.

Gonçalves (2012) problematizou as questões de gênero e racismo nos Jogos Olímpicos de Londres, junto aos alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal paulistana. O trabalho iniciou-se pelo estudo dos símbolos, mitos, ídolos, modalidades e países participantes, participação das mulheres nos Jogos, além da história dos Jogos Olímpicos, Jogos Olímpicos

de Inverno, Jogos Paraolímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude. As atividades de ensino incluíram rodas de conversa, vivências, pesquisas na sala de informática, além de outras situações que permitiram o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos.

Outro trabalho que problematizou as relações de gênero junto às turmas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola do município de São Paulo foi desenvolvido por Gomes, Corsino e Ribeiro Neto (2012). Os professores promoveram a análise da ocorrência de situações de preconceito e discutiram a prática do *badminton* como um esporte de resistência às construções das diferenças. As ações didáticas oportunizaram cruzamentos de diversas fronteiras no cotidiano escolar, permitindo que os alunos assumissem posições distintas daquelas identificadas no início do projeto.

A partir do desejo dos alunos do 4º ano do ensino fundamental de reproduzirem a prática do futebol americano na escola, Gregório (2012) estabeleceu um campo de diálogo visando reconhecer significados culturais a partir de um contexto distinto daquele a que pertencem os alunos, questionando modelos e padrões impostos, reconhecendo que suas identidades culturais não possuem referências nos filmes que retratam o esporte. Os alunos não precisando transpor a cultura norte-americana para entender a prática tematizada, puderam, a partir das atividades propostas, reconstruir suas representações, reelaborar e hibridizar o esporte, criando novos significados a partir do ponto de vista dos grupos subjugados.

O skate foi o tema estudado pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada no distrito de São Miguel Paulista, na capital do estado. Ao mapear a comunidade, Santos (2012) identificou a prática da modalidade. Para potencializar as vozes daqueles que historicamente foram (e são) silenciados na instituição escolar, atrelou o trabalho pedagógico com o skate ao Projeto Político Pedagógico da escola. Elegendo

como objetivo a desconstrução/reconstrução das relações de poder que permeiam o skate, foram propostas atividades para que os alunos pudessem acessar outras representações da manifestação corporal, a fim de desestabilizar a visão pejorativa que possuíam inicialmente. Ao final do projeto, observou que alguns alunos mantiveram as representações iniciais e seguiram afirmando que meninas não poderiam andar de skate. Contudo, passaram a respeitá-las durante a vivência da modalidade durante as aulas e a entender o skate não só como um instrumento utilizado para fins esportivos, mas também como meio de locomoção de algumas pessoas presentes na comunidade.

Com a intenção de desenvolver um projeto integrado ao estudo do meio realizado em uma escola pública estadual situada no município de São Paulo, Reis (2012) elegeu o *parkour* como tema para o trabalho com as turmas do 1º ano do ensino médio. O ponto de partida foi a assistência ao vídeo "*Parkour indoor*", gravado em uma academia de um bairro nobre de São Paulo. A partir de vivências das manobras realizadas nas aulas e da análise das modalidades do esporte presentes no filme, os alunos elaboraram, socializaram, experimentaram e registraram o seu próprio "percurso" que, posteriormente, foi comparado a outros acessados na internet. Com o final do estudo, foi possível identificar mudanças nos discursos em relação à manifestação e à forma que os estudantes se relacionam com os esportes radicais.

O *parkour* também foi tematizado nas aulas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da capital paulista. Bonetto (2012) partiu da experiência de um aluno que nos finais de semana praticava a modalidade na Avenida Paulista e do contentamento daqueles que conheciam a modalidade pelas mídias sociais. O projeto contemplou diversas atividades de ensino, com destaque para a transformação de diversos espaços e locais da escola em 'obstáculos' a serem superados pelos alunos. Recor-

rendo a vídeos da internet, foram conhecidas as principais técnicas, características e, sobretudo, os valores da modalidade. Na opinião do docente, a maior contribuição do projeto consistiu na modificação das representações que os alunos possuíam sobre as aulas de Educação Física.

O relato de Siqueira (2012) narra a experiência desenvolvida com todas as turmas do ciclo I do ensino fundamental de uma escola pública situada no município de Osasco (SP). No início do ano letivo, os professores da instituição foram convidados a planejar as ações pedagógicas, visando o aniversário da cidade, o slogan seria "Osasco 50 anos". A professora de Educação Física listou as manifestações corporais tematizadas nos anos anteriores e, em conversa com as turmas, considerou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos o tema central do seu trabalho. A partir daí, elencou as manifestações esportivas praticadas no município e incluídas nos eventos citados, selecionando aquelas que mantinham alguma relação com as crianças. Dentre as atividades realizadas, os alunos identificaram as características dos esportes; analisaram seu contexto histórico, as transformações ao longo do tempo e a relação com os grupos sociais (e as diferentes identidades) que criaram e recriaram os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Além disso, os alunos conheceram os locais de prática existentes no município, identificaram representantes dessas manifestações, as possibilidades oferecidas, seus aspectos profissionais ou de lazer; e por fim, identificaram os praticantes das modalidades eleitas (quem são, suas origens, seus percursos, seus projetos de vida e suas relações com o esporte). Foram desenvolvidas atividades com características distintas, segundo o enfoque selecionado para cada ano escolar. As ações didáticas incluíram vivências, pesquisas, entrevistas com praticantes, visitas e reconstrução crítica das modalidades na escola. Na visão da professora, a escolha de um tema para todas as turmas foi interessante, pois

possibilitou conversas, reflexões e descobertas realizadas por crianças situadas em diferentes momentos da escolarização, o que potencializou trocas de conhecimentos entre as turmas. Também avaliou de forma benéfica a aproximação com as manifestações corporais realizadas na cidade, muitas vezes, sem que os alunos soubessem da sua ocorrência.

1.2 Uma reflexão sobre a prática docente

A análise dos relatos de prática alinhados à perspectiva cultural permitiu a identificação de algumas distinções com relação ao conhecido ensino do esporte. Em primeiro lugar, inversamente às recomendações convencionais, a perspectiva cultural não recorre a taxinomias nem tampouco às gradações e sequências para distribuição de conteúdos. Não há um conhecimento mais fácil e adequado ao ciclo inicial do ensino fundamental ou mais complexo para o ensino médio. O que se observa é que os professores trabalharam com a modalidade esportiva em sua inteireza, sem os questionáveis jogos pré-desportivos, sequências pedagógicas ou fragmentações semelhantes. Qualquer esporte pode ser estudado em qualquer etapa da educação básica. É óbvio que, conforme o grupo social, as experiências culturais corporais são disponibilizadas diferentemente às crianças e jovens e, mesmo no interior desses grupos, elas ocorrem de forma muito variada. Se as crianças são socializadas nos códigos esportivos pela família e televisão, os jovens, por sua vez, usufruem de inúmeras alternativas para acessar esses conhecimentos.

É interessante observarmos nos relatos de prática analisados que o esporte a ser tematizado foi selecionado por meio do mapeamento. Para coletar as informações necessárias, os educadores realizaram uma pesquisa de campo, reconheceram os locais

de prática existentes na comunidade, observaram a ocorrência de manifestações corporais ou constataram uma temática candente nas turmas com que trabalharam.

Foi com base nessas informações que os professores organizaram seus planos de trabalho. As atividades de ensino propostas problematizaram determinados aspectos do esporte selecionado, promoveram situações desafiadoras e levaram os alunos à busca de respostas para uma melhor compreensão da realidade. Os conteúdos aprendidos e a duração dos trabalhos variaram em função das características da temática, grau de aprofundamento desejado e posicionamentos da turma. Frisamos que o interesse dos alunos correspondeu às experiências culturais que possuíam e que as atividades propostas sofreram influências das condições da escola e das características da modalidade estudada. Enquanto certos temas provocaram grande curiosidade e necessidade de saber mais, o que levou os docentes a elaborarem uma quantidade maior de atividades de ensino e reorientarem suas ações didáticas, outros demonstraram possibilidades de enriquecimento mais limitadas.

Outra característica das práticas analisadas é a compreensão do que venha a ser conteúdo da aprendizagem. Os conhecimentos aprendidos emergiram da problematização desencadeada pelas atividades de ensino, levando em conta o esforço do grupo para sanar as dúvidas que surgiram durante o trabalho. Os professores permaneceram atentos às relações de poder embutidas na ocorrência social do esporte, procurando ajudar os alunos a interpretá-las e desvendar quais identidades são legitimadas e/ou negadas. Nessas circunstâncias, enfatizaram-se indagações acerca das condições assimétricas atravessadas por questões de gênero, consumo, história, formas de organização da prática, gestos e recursos empregados, entre outros aspectos, visíveis ou não, que caracterizavam a temática em pauta.

Observamos nas práticas narradas a preocupação com o diálogo e a leitura da gestualidade implícita nos esportes. A interpretação da prática esportiva, estimulada pelas atividades propostas, promoveu a interação coletiva, além da reorganização e discussão de outras possibilidades de vivência. Ou seja, valorizaram-se as diversas formas de expressar e comunicar aquela modalidade, explorando tal diversidade com base no repertório coletivo da linguagem corporal.

Para tanto, na maioria dos casos, os professores investigaram previamente os aspectos mais relevantes da modalidade e planejaram adequadamente as atividades e os espaços (em grupo ou individualmente, na quadra ou na sala de vídeo, autorizações necessárias, materiais, questões, explicações, demonstrações, vivências, discussões nos grupos, trabalhos gráficos, realização de debates, assistência de material audiovisual, apresentação de convidados, organização do acesso aos materiais informativos no transcorrer da aula, organização do tempo das atividades e as possíveis implicações na estrutura dos horários escolares), mesmo que tivessem dialogado com as turmas acerca do plano de trabalho para coletar sugestões e ideias sobre as atividades.

Nos relatos investigados, o esporte enquanto objeto de estudo foi concebido como prática social, e como tal, é criado e recriado por aqueles que dele participam ou pelos discursos sobre ele emitidos. Assim, foram questionados os discursos que essencializam ou naturalizam certas modalidades, por exemplo, "futebol é coisa de meninos" ou "parkour e skate são coisas de vagabundos". Ler e interpretar os códigos veiculados com relação às manifestações corporais constituiu-se numa ação didática fundamental. Os alunos foram constantemente convidados a analisar a configuração e o posicionamento do esporte no tecido social, bem como dos seus representantes, (como acontece, quais as características da prática, regras, técnicas, táticas, quem par-

ticipa, quais os recursos necessários, onde se localiza etc.), sua divulgação (ou falta de) na mídia, o modo como se organiza em outros espaços, como é representado pelos próprios alunos ou por outros grupos culturais, quais os discursos que o tornaram dominante ou subjugado etc. Questões que remeteram os alunos à análise do seu cotidiano e recorreram a conhecimentos de outras áreas, dando-lhes uma noção da complexidade das relações sociais que assolam as modalidades esportivas e seus praticantes.

Os professores também promoveram variadas situações didáticas que priorizaram a vivência corporal, submetendo-as também à leitura e interpretação. Diante das diferenças entre a prática social do esporte no seu *locus* original e a realidade da escola (número de alunos, espaço, tempo, material etc.), os alunos foram estimulados a elaborar novas formas de realizá-lo, tentando facilitar a compreensão da manifestação e do processo de transformação vivido por quase todos os produtos culturais. As peculiaridades de cada grupo e de cada escola foram levadas em conta por ocasião da reconstrução coletiva da modalidade objeto de estudo, proporcionando aos alunos uma experiência real da dinâmica cultural. Vale lembrar que tanto participa aquele que lê a gestualidade, interpreta-a e sugere modificações, quanto quem as executa. Essas posições foram alternadas ao longo das atividades de ensino.

Considerando que a maioria dos esportes atravessou um longo processo de transformações desde o seu surgimento, os professores sugeriram aos alunos, estimularam os alunos a experimentar novos formatos e avaliar a eficácia das próprias produções. Com isso, os alunos foram posicionados na condição de sujeitos históricos e produtores de cultura em condições semelhantes ao que acontece fora da escola. Sempre que um grupo social movido por variadas intenções se apropria de um artefato pertencente a outro ou, diante de alterações das condições existentes, seus

próprios representantes recriam o produto original, visando readequá-lo e garantir sua permanência ao longo do tempo, tanto a *essência* ou os significados do produto podem perder o caráter primário e assumir novas e distintas configurações.

Foi possível constatar nos narrativas analisadas que os docentes apropriaram-se dessa dinâmica cultural e valorizaram, no decorrer das aulas, a experimentação dos diversos formatos de prática conhecidos pelos alunos, bem como ofereceram condições para que experimentassem todas as alterações possíveis, a fim de que vivenciassem diferentes papéis sociais e elaborassem seus próprios produtos culturais. Ao final dos trabalhos, o que se obteve foi o handebol, o basquete, o *parkour* etc., de cada turma.

Outra característica dos trabalhos relatados é a presença de atividades de ensino que promoveram o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos. Visitas aos espaços onde ocorrem as práticas corporais, palestras com especialistas ou com pessoas com uma história de vida marcada pela prática da manifestação, aulas demonstrativas com estudantes praticantes matriculados em outras turmas da escola ou pessoas da comunidade, análise e interpretação de vídeos e textos dos diversos gêneros literários, mediação do docente, realização de pesquisas orientadas previamente, entre outras situações didáticas, permitiram não somente um conhecimento mais profundo do esporte estudado, como também o acesso a outras representações da modalidade.

Os aspectos destacados pelos alunos ou pelo professor durante o aprofundamento fomentaram outras vertentes de análise, vivências e pesquisas. O olhar dos estudantes sobre os esportes tematizados foi enriquecido mediante atividades de leitura, interpretação e construção de textos, análise de imagens, músicas e vídeos, diálogos com alunos de outras turmas, entrevistas com convidados, preparação para socialização do que foi aprendido mediante apresentações nos eventos da escola, expo-

sições de trabalhos nos dias festivos, elaboração de portfólios e demais produções dos estudantes.

Durante as atividades de ensino, as observações, análises e interpretações de tudo o que aconteceu constituíram-se como informações privilegiadas para a avaliação do trabalho pedagógico. O registro das atividades desenvolvidas foi uma ação constatada em todos os relatos analisados, o próprio documento, por si só, já constitui-se em registro do que aconteceu. Nele constam encaminhamentos efetuados, respostas dos educandos e arquivamento de alguns exemplares dos materiais produzidos durante as aulas ou a partir delas. A coleta de informações sobre o processo subsidiou a reflexão a respeito da prática pedagógica e acumulou indícios para identificar tanto os acertos quanto os possíveis equívocos cometidos no decorrer das atividades de ensino.

Uma vez que o mapeamento diagnosticou a cultura de chegada, os registros que os professores elaboraram ao longo do processo facilitaram a identificação das insuficiências e alcances das atividades de ensino desenvolvidas. As atividades propostas mereceram um olhar atento, especialmente, para as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos, e entre eles e os conhecimentos abordados. Com frequência, os questionamentos, interesses e conflitos identificados pelos envolvidos apontaram a necessidade de elaborar e conduzir novas atividades de ensino.

O registro do processo não impediu que muitos educadores organizassem atividades avaliativas específicas ao final dos projetos, visando descobrir, em que medida, os procedimentos didáticos realizados contribuíram para ampliar o repertório dos conhecimentos do grupo, bem como a superação dos preconceitos e concepções inicialmente reveladas. Uma análise mais detalhada do produto final que os alunos elaboraram como consequência dos trabalhos (apresentação, relatório, coreografia, exposição, portfólio, ou, simplesmente, os depoimentos sobre

a manifestação corporal tematizada e seus representantes), quando entrecruzada com os registros do processo, constituiu-se em elementos privilegiados para avaliar as modificações dos conhecimentos levantados por ocasião do mapeamento.

1.3 Considerações finais

Alegra-nos a constatação de que a maioria dos trabalhos que tematizaram o esporte, apresentados nas quatro edições do Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da Faculdade de Educação da USP, influenciaram-se pela perspectiva cultural da Educação Física. Dentre os diversos aspectos que caracterizam essa pedagogia, o enfoque nas atividades coletivas e a valorização atribuída às vozes dos representantes das culturas que coabitam a sociedade merecem ser ressaltados.

Ao invés de priorizar ações sem significado, as atividades de ensino envolveram-se com a análise e problematização das práticas esportivas e das questões que as envolvem. O emprego de tarefas coletivas exigiu conversas constantes que frutificaram em intercâmbio de representações que, por sua vez, foram potencializadas com leituras, vídeos, diálogo com praticantes e convidados.

Não somente a linguagem corporal teve lugar, mas também a oral, digital, musical, pictórica, entre outras, comumente mais acessíveis às crianças e jovens. Por meio dessas formas de expressão, a ideologia da cultura dominante e as ideologias das outras culturas foram confrontadas. O esporte não foi acessado do ponto de vista exclusivo dos bem-sucedidos e midiáticos, também foram acessados como conhecimentos relevantes, os modos de ver das mulheres, pobres, moradores da periferia, idosos e não praticantes.

Em tom de finalização, é importante dizermos que a perspectiva cultural da Educação Física documentada nos relatos analisados precisa transformar-se em objeto de estudo de um contingente maior de professores e pesquisadores. Não devemos aceitá-la sem debate ou crítica. Não pode haver uma proposta definitiva, um só caminho a seguir. Outros são possíveis e necessários. Ao leitor, fica o convite a pensar conosco, dialogar, rejeitar e sugerir, a hibridizar, ressignificar, posicionar-se e lançar outras propostas comprometidas com a construção de uma vida melhor para todos.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ANDRADE, B. C. **Futebol das diferenças**. Relato de Prática, 2010.
- BARBOSA, A. J. **Tematizando o handebol nas aulas de Educação Física**. Relato de Prática, 2012.
- BELLO, S. S. O. **De vento em popa**. Relato de Prática, 2006.
- BONETTO, P. **Le Parkour no Julio: um relato de transformação curricular**. Relato de Prática, 2012.
- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 2, p. 62-68, 1986.
- COLOMBERO, R. M. P. **Com futebol se faz cidadania**. Relato de Prática, 2010.
- _____. **Projeto funk futebol: quais são as suas identidades?** Relato de Prática, 2012.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GOMES, N. C., CORSINO, L. N.; RIBEIRO NETO, F. J. **O badminton na Educação Física escolar: uma experiência a partir da categoria gênero**. Relato de Prática, 2012.
- GONÇALVES, N. **Jogos Olímpicos e marcadores sociais: gênero e racismo em foco**. Relato de Prática, 2012.
- GRAMORELLI, L. C. **A cultura corporal do aluno como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física: esportes com raquetes**. Relato de Prática, 2008.
- MATIAS, R. A.; GALVÃO, Z. **Tênis na escola: uma proposta além da dimensão procedimental**. Relato de Prática, 2008. GRAMORELLI, L. C.; TAPETTI, C. H. **A cultura corporal nas aulas de Educação Física: o mundo do voleibol**. Relato de Prática, 2010.
- GREGÓRIO, A. B. **Futebol americano e as líderes de torcida**. Relato de Prática, 2012.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LEITE, F. I. L.; LEMOS, F. R. M. **A "escalada" na Educação Física escolar**. Relato de Prática, 2006.
- LIPPI, B. G. **Voleibol: possibilidades de vivência e interpretação**. Relato de prática, 2008.
- LOPES, A. A. S. M. **O método integrado de ensino dos jogos desportivos coletivos nas aulas de Educação Física escolar no município de Cubatão (SP): uma forma adequada de utilizar os conteúdos esportivos na escola**. Relato de Prática, 2010.
- LOZANO, M. C. **Paixão Nacional**. Relato de Prática, 2010.
- LUZ JÚNIOR, W. J. **A relevância do futebol como aspecto pedagógico no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries**. Relato de Prática, 2006.
- MÁZZONI, A. V. **Futebol americano: território sem fronteiras**. Relato de Prática, 2010.
- MONTEIRO, F. **Pingue-pongue na escola: uma proposta na perspectiva cultural da Educação Física**. Relato de Prática, 2008.
- MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.
- NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática do ensino – Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. **O lugar do esporte no currículo cultural da Educação Física**. In: ANTUNES, A. F.; LEVANDOSKI, G.; FREITAS JÚNIOR, M. A. **Educação Física, esporte e qualidade de vida**. Curitiba: CRV, 2013. p. 9-24.
- NUNES, M. L. F. **Futebol na escola em ano de Copa do Mundo**. Relato de Prática, 2006.
- PINA, L. D. **O basquete numa perspectiva crítica da cultura corporal**. Relato de Prática, 2006.
- REIS, R. **O Le Parkour e seus caminhos no 1º ano do ensino médio: por uma Educação Física multicultural**. Relato de Prática, 2012.
- SANTOS, L. A. **Projeto skate: "As meninas vão fazer o quê, professor?"** Relato de Prática, 2012.
- SIQUEIRA, C. C. **De Osasco a Londres**. Relato de Prática, 2012.
- SOUZA, M. M. N. **Futebol e voleibol: que "jogos" são esses?** Relato de Prática, 2010.